

BOLETIM DE CONJUNTURA

92

2018

1º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

peessoas ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadâneos

Contrariando as expectativas otimistas formuladas no final do ano anterior, o primeiro trimestre de 2018 foi marcado por um abrandamento da atividade da indústria portuguesa de calçado visível a nível da produção, encomendas e emprego. Para isso contribuíram condições climatéricas atípicas que levaram muitos clientes a adiar ou suspender aquisições. Ainda assim, as empresas de calçado continuam a manifestar opinião positiva sobre o estado atual dos negócios que, de forma maioritária, consideram suficiente. Na maioria dos indicadores, as empresas de maior dimensão mostram resultados mais favoráveis do que as restantes.

As empresas inquiridas acreditam que este abrandamento da atividade é conjuntural, formulando perspetivas otimistas para o segundo trimestre. As previsões para a produção encontram-se entre as mais favoráveis já registadas neste boletim e as relativas às encomendas e ao estado dos negócios são também muito positivas. As respostas das empresas, quer as relativas ao trimestre passado, quer as previsionais, sugerem uma tendência de subida dos preços do calçado, em Portugal e no estrangeiro.

As previsões macroeconómicas disponíveis sugerem que, nos próximos trimestres, os principais mercados do calçado português continuarão a crescer mas a ritmo inferior ao registado recentemente, reforçando os desafios com que a indústria está confrontada.

Publicação Trimestral editada pela



Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

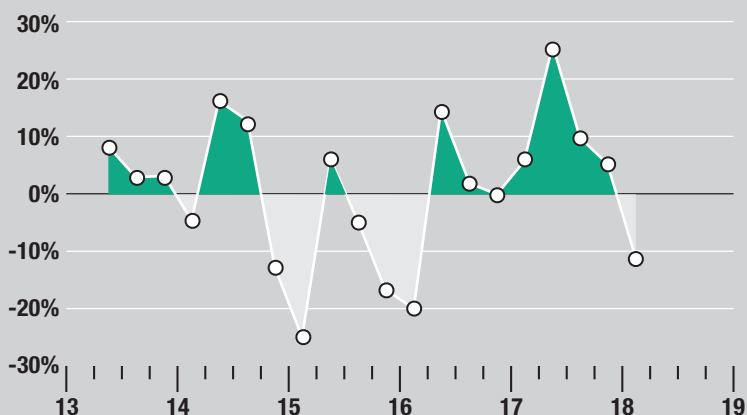
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

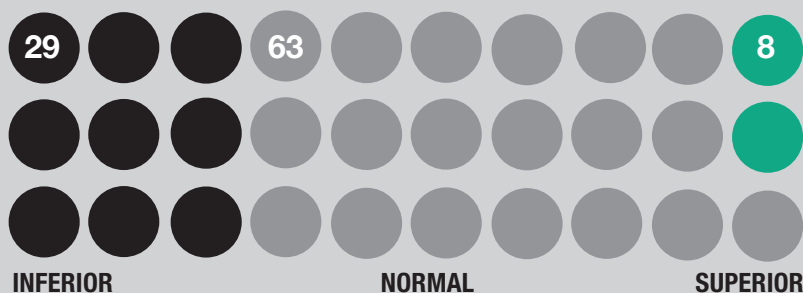
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

O início do ano de 2018 foi marcado por um abrandamento da atividade na indústria portuguesa de calçado: apesar de quase metade das empresas afirmarem que o seu nível de produção se manteve estável, a percentagem das que conseguiram um aumento foi inferior ao das que registaram uma diminuição, o que aconteceu pela primeira vez nos últimos dois anos: o saldo de respostas extremas (s.r.e.) atingiu 11 pontos percentuais (p.p.), o valor mais baixo desde o início de 2016. No entanto, o volume global de produção da indústria poderá ter tido uma evolução mais favorável do que este resultado sugere, dado que, entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, este saldo foi nulo.



Utilização da Capacidade



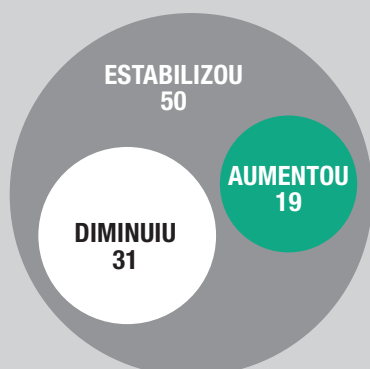
Quase dois terços (63%) das empresas inquiridas continuam a considerar que o nível de utilização da sua capacidade produtiva é normal para a época do ano mas o saldo de respostas extremas agravou-se face ao trimestre anterior, sendo agora de 20 p.p. Tal como acontece com a produção, também este resultado é o mais baixo dos últimos dois anos. Embora seja negativo para todas as classes de empresas, este s.r.e. atinge o seu valor mais baixo entre as orientadas predominantemente para o mercado nacional.

Carteira de Encomendas

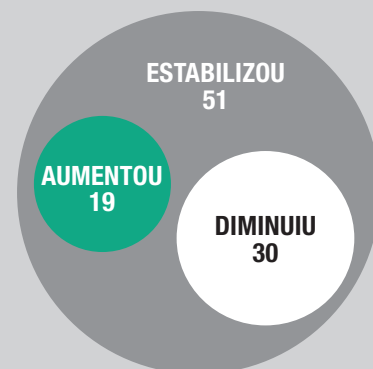
Contrariando as previsões otimistas formuladas no final de 2017, a evolução das encomendas foi semelhante à da produção: metade das empresas consideraram que a sua carteira global de encomendas permaneceu inalterada mas as que afirmam que diminuiu são mais do que as que dizem que aumentou, gerando um s.r.e. de 12 p.p. As empresas orientadas para o mercado nacional escaparam agora a esta tendência de redução que já tinham sentido no trimestre anterior.

Os resultados relativos à carteira de encomendas do estrangeiro são muito semelhantes, embora com um s.r.e. ligeiramente menos negativo (-11 p.p.) e uma percentagem um pouco mais elevada de empresas cuja carteira estabilizou (51%). Entre as empresas de maior dimensão, com mais de 250 trabalhadores, o saldo foi positivo, pelo que o nível global de encomendas da indústria poderá ter evoluído de forma mais favorável do que os resultados anteriores sugerem.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



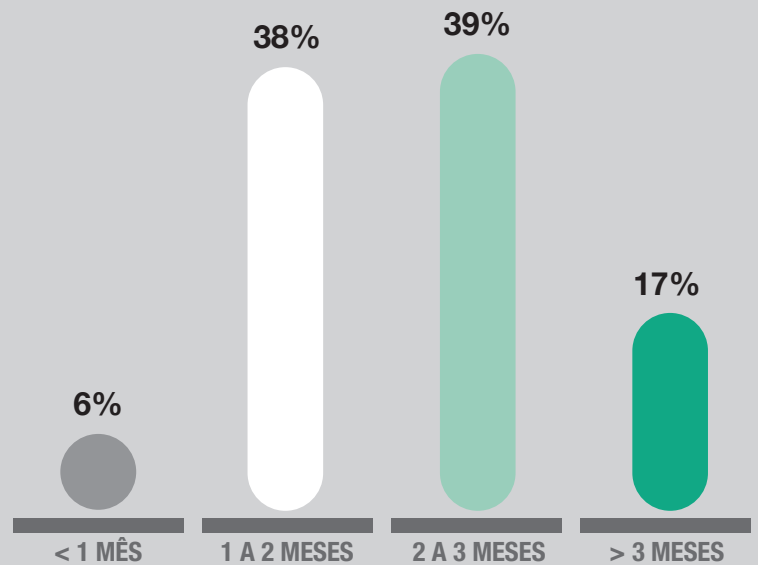
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

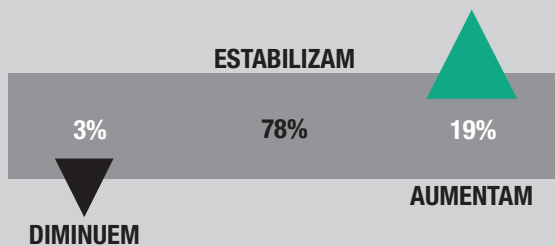
Apesar da tendência de redução das encomendas patente nas respostas anteriores, 38% das empresas inquiridas afirmam que têm produção assegurada para 1 a 2 meses e uma percentagem ligeiramente maior (39%) diz que tem mesmo trabalho garantido para 2 a 3 meses. As empresas de maior dimensão e as mais orientadas para os mercados internacionais apresentam carteiras de encomendas particularmente confortáveis, em muitos casos superiores a 3 meses de produção.



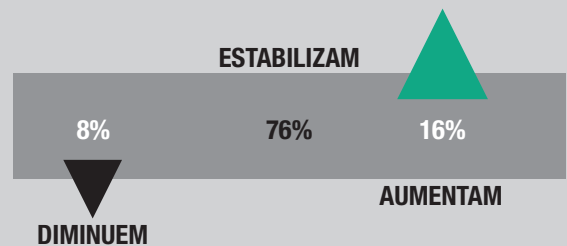
Preços

No início de 2018 acentuou-se a tendência para o aumento de preços no mercado português que já se tinha manifestado no trimestre anterior: a percentagem de empresas que declarou ter sentido essa tendência superou em 16 p.p. a das que disseram o inverso, o que constitui o saldo de respostas extremas mais elevado dos últimos sete anos. Quanto aos preços nos mercados internacionais, a tendência é também de aumento, mas o s.r.e. foi bastante mais moderado (8 p.p.) e até menor do que durante todo o ano de 2017. No entanto, quer no que respeita ao mercado nacional, quer aos mercados internacionais, cerca de três quartos das empresas consideram que os preços permaneceram estáveis.

EM PORTUGAL



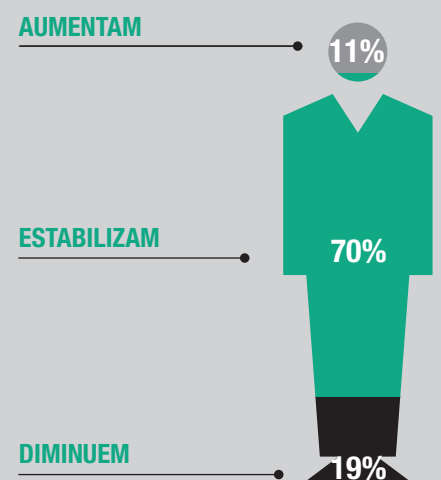
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

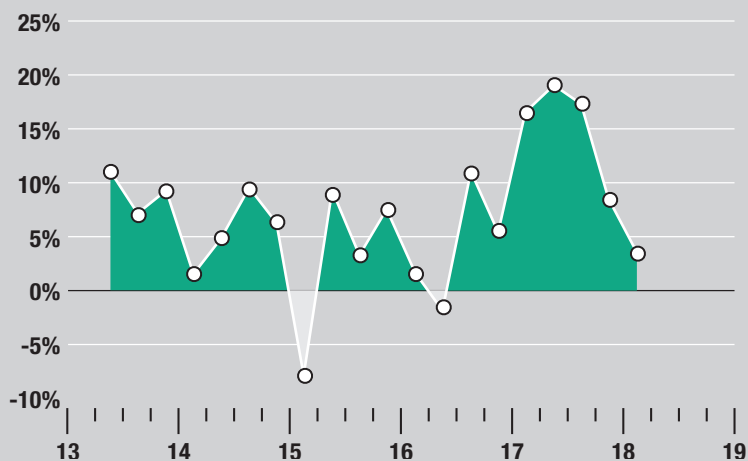
As empresas cujos níveis de emprego permaneceram inalterados são também largamente maioritárias (70%). O abrandamento do nível de atividade, visível na produção e encomendas, levou, no entanto, a que fossem mais as empresas que diminuíram o número de pessoas ao serviço do que as que fizeram o inverso, resultando no primeiro saldo de respostas extremas negativo (-8 p.p.) dos últimos dois anos. Ao contrário do que acontece noutras matérias, a evolução do emprego nas maiores empresas não se diferencia das de menor dimensão.



Estado dos negócios

Dois terços das empresas consideram que o estado dos negócios no primeiro trimestre do ano foi suficiente e o saldo de respostas extremas permanece ligeiramente positivo (+4 p.p.). O abrandamento da conjuntura é, no entanto, patente no facto de este saldo ser o mais reduzido desde o início de 2016 e ficar muito aquém da previsão (+20 p.p.) formulada pelas empresas no final de 2017.

Este abrandamento reflete-se igualmente na existência de um menor número de inquiridos que afirmam que o estado dos negócios no primeiro trimestre de 2018 foi melhor do que no trimestre homólogo de 2017 do que o dos que dizem o contrário, gerando um s.r.e. de -10 p.p., também aquém da previsão anterior das empresas. Mais de metade das empresas considera, no entanto, que o estado dos negócios permanece inalterado.



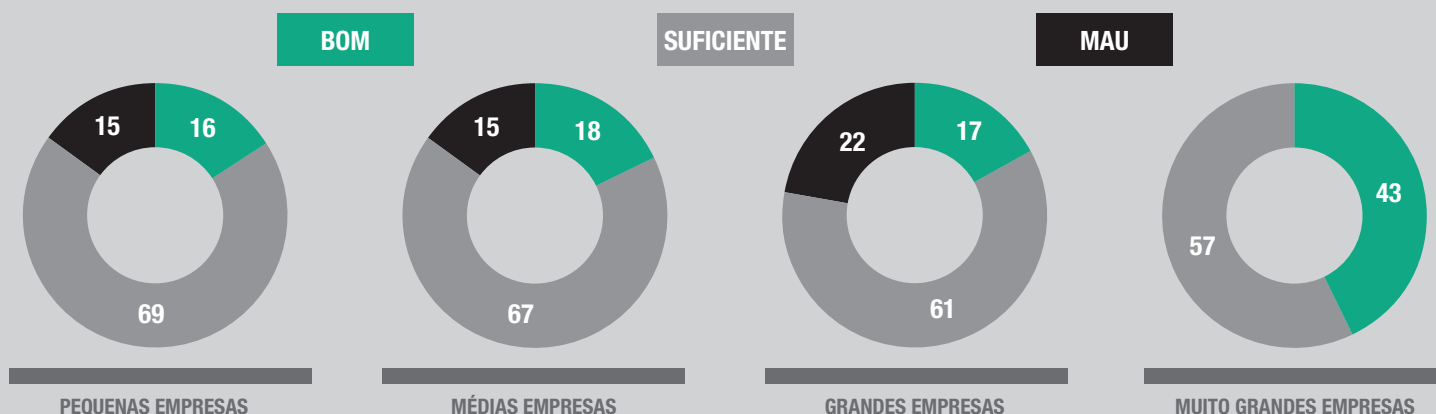
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

A apreciação da conjuntura permanece particularmente favorável entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, nenhuma das quais considera que o estado dos negócios seja mau. Este grupo apresenta também um s.r.e. nulo na comparação com o trimestre homólogo do ano anterior.

Nessa matéria, as empresas orientadas para o mercado interno fazem uma avaliação da situação mais favorável do que as predominantemente exportadoras: são as empresas focadas nos mercados externos que mais sentem um abrandamento da conjuntura.



Limitações à produção

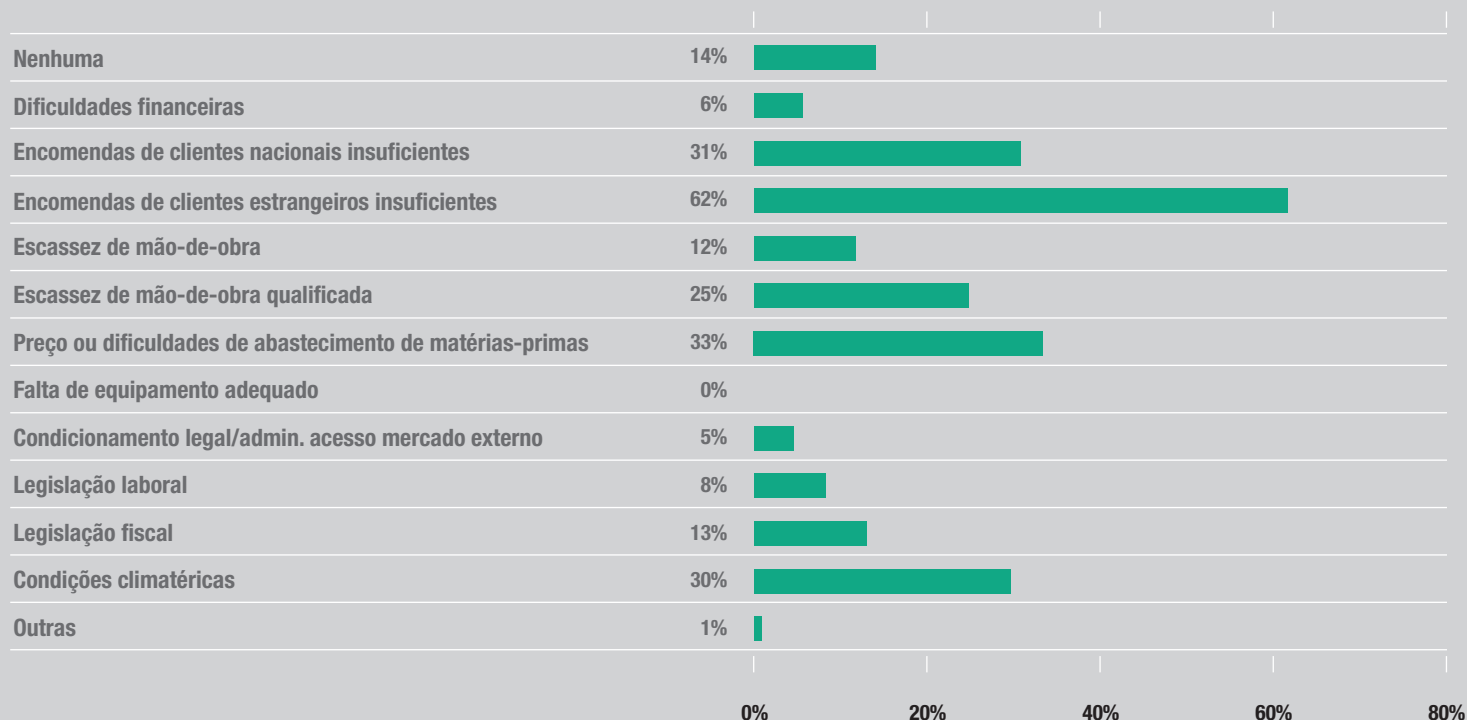
As dificuldades de mercado dominam as preocupações manifestadas pelas empresas da indústria portuguesa de calçado no primeiro semestre do ano. Quase dois terços dos inquiridos (62%) afirmam ter sentido insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros. Esta percentagem é menor, embora elevada, entre as empresas com mais de 250 trabalhadores (43%) e entre as que exportam mais de 95% do volume de negócios (45%). As referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais também aumentaram mas mantêm-se num nível bastante mais reduzido (31%). Esta dificuldade afeta sobretudo as pequenas empresas (46%) e, naturalmente, as que são orientadas predominantemente para o mercado nacional (57%).

Muitas empresas consideram que as condições climáticas atípicas que se têm verificado explicam o reduzido dinamismo da procura: 30% dos inquiridos

incluem este fator entre as principais dificuldades com que estão confrontados, ascendendo esta percentagem a 50% entre os que estão orientados maioritariamente para o mercado nacional.

Apesar do abrandamento da atividade, um terço das empresas declara enfrentar dificuldades relacionadas com o preço ou abastecimento de matérias-primas e 12% afirmam debater-se com escassez de mão-de-obra. Um quarto das empresas sente escassez de mão-de-obra qualificada, tendo as referências a esta dificuldade diminuído 5 pontos percentuais face ao trimestre anterior. Finalmente, ao nível dos fatores de produção, nenhuma empresa declarou ter falta de equipamento adequado. Nenhuma das empresas com mais de 250 trabalhadores mencionou dificuldades relacionadas com fatores de produção.

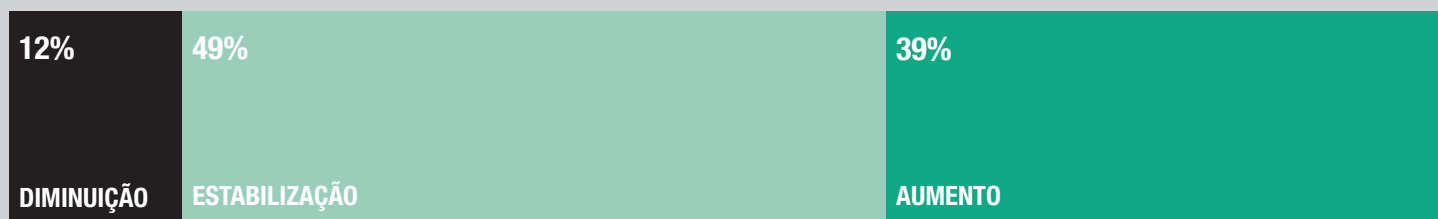
O abrandamento da atividade não se refletiu em dificuldades financeiras: a percentagem de empresas que referem problemas dessa natureza permaneceu inalterada face aos dois trimestres anteriores (6%). No entanto, continua a diminuir o número de inquiridos que consideram não enfrentar nenhuma dificuldade, que se situou, no primeiro trimestre, em 14%. Contudo, 43% das empresas com mais de 250 trabalhadores e 29% das que exportam 95% ou mais do seu volume de negócios declaram estar nessa situação.



Tendências da produção

As empresas acreditam que o abrandamento de atividade registado no 1º trimestre é um fenómeno transitório. Embora quase metade esperem que o seu nível de produção no 2º trimestre permaneça inalterado, a percentagem das que acreditam num aumento da produção supera em 27 p.p. a das que recebem uma

diminuição, no que constitui o segundo s.r.e. mais elevado, para esta variável, em mais de duas décadas de publicação deste boletim. As empresas de maior dimensão destoam, no entanto, deste otimismo, apresentando um saldo negativo.

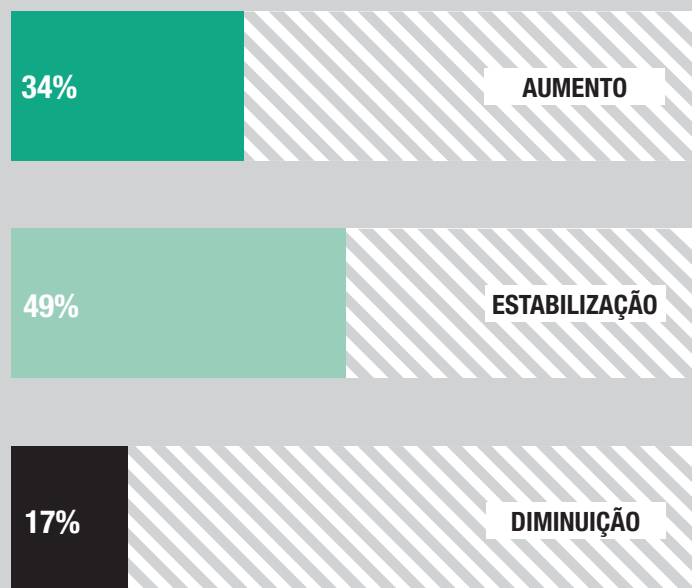


Perspectivas de encomendas

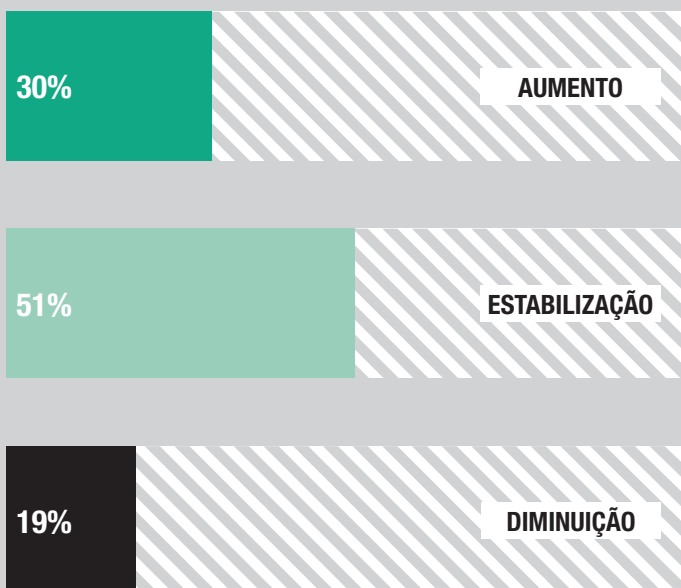
O otimismo marca igualmente as previsões relativas à evolução da carteira global de encomendas, embora, neste caso, o saldo de respostas extremas de 17% se enquadre no que é habitual para este trimestre. As empresas com menos de 100 trabalhadores são as que formulam

previsões mais favoráveis. Quanto às encomendas do estrangeiro, o s.r.e. também é positivo mas de apenas 11 p.p. Tanto em termos globais como no que respeita ao estrangeiro, cerca de metade das empresas preveem a estabilização da carteira de encomendas.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

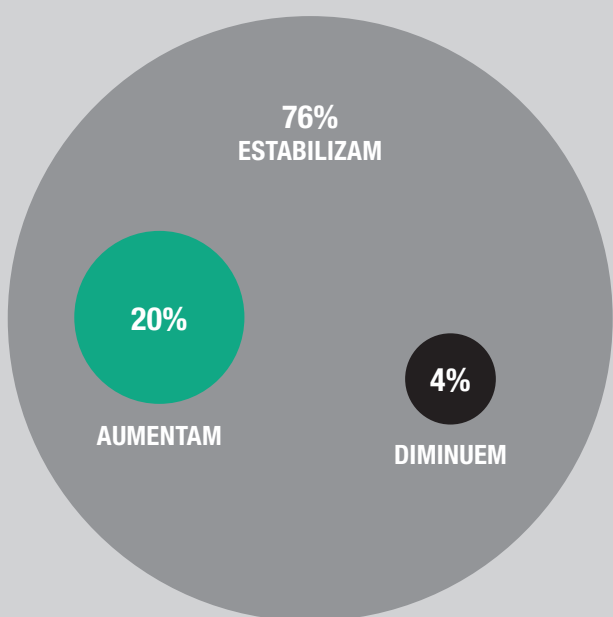


Perspetivas de preços de venda

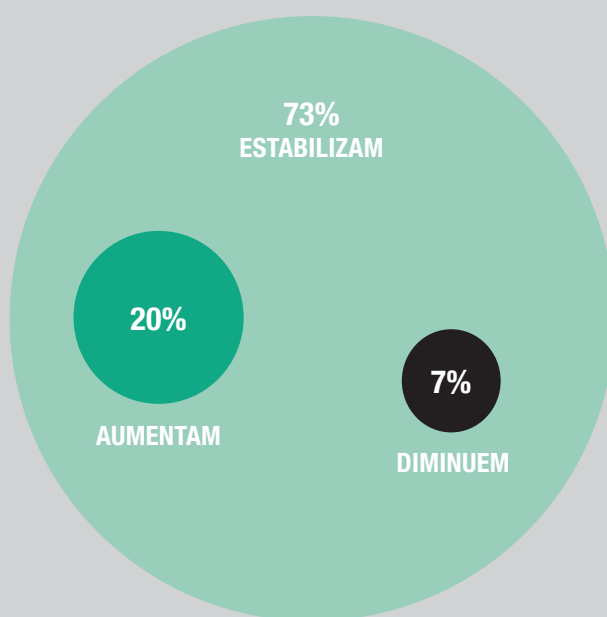
Embora três quartos das empresas inquiridas acreditem que, no segundo trimestre, os preços vão permanecer inalterados, entre as restantes há uma clara preponderância das que preveem o seu aumento. O saldo de respostas extremas é de +16 p.p. no que respeita aos preços no mercado nacional e de +13 p.p. quanto aos

mercados externos, o que representa, em ambos os casos, o valor mais elevado dos últimos sete anos. É entre as empresas mais pequenas que a expectativa de aumento dos preços é mais frequente mas estas previsões não estão diretamente relacionadas com a dimensão.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

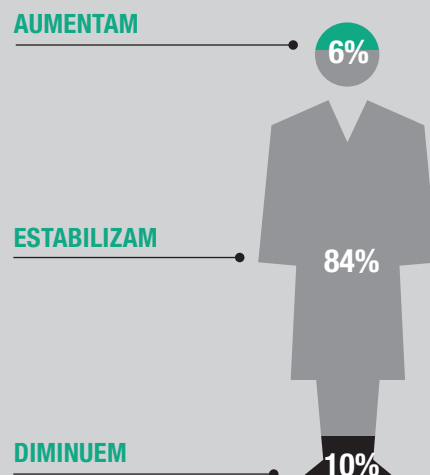


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



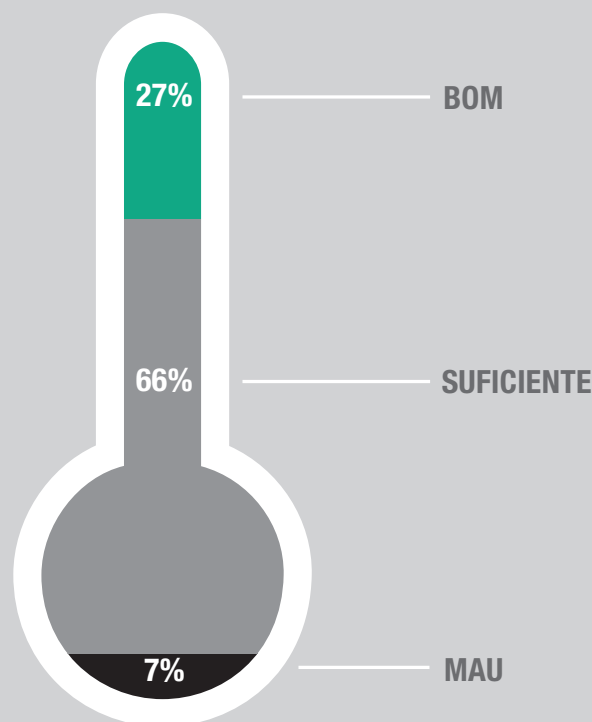
Perspetivas sobre o emprego

A larga maioria das empresas (84%) espera manter, no segundo trimestre, o número de pessoas ao seu serviço. No entanto, pela primeira vez no último ano, há mais empresas a prever a redução do emprego do que o seu aumento, sendo o saldo de respostas extremas de -4 p.p. Esta tendência de redução concentra-se nas empresas com níveis intermédios, quer de dimensão, quer de orientação exportadora. Quando corrigidos os efeitos da sazonalidade, a previsão para o emprego mantém-se ainda positiva, embora em declínio.



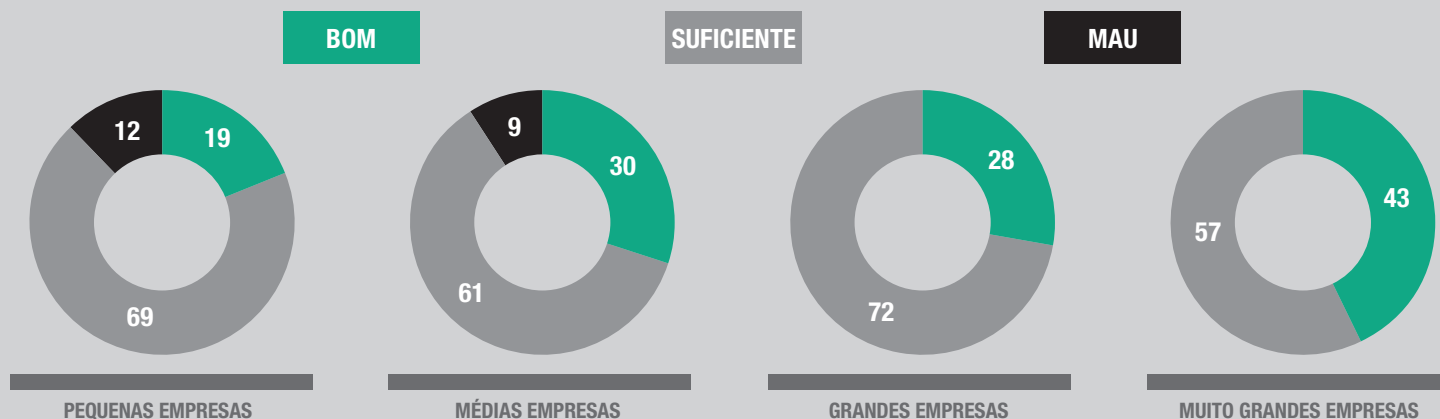
Perspetiva sobre o estado dos negócios

Em linha com as previsões para a produção e as encomendas, as empresas acreditam que o estado dos negócios no próximo trimestre será melhor do que no anterior. A percentagem de empresas que preveem que o estado dos negócios será bom excede em +20 p.p. a das que receiam que seja mau, resultando no quinto trimestre consecutivo de s.r.e. positivo para esta variável. Dois terços dos inquiridos julgam que, no segundo trimestre, o estado dos negócios será suficiente.



Apuramento dos resultados

Tal como no trimestre anterior, as expectativas para o estado dos negócios apresentam uma forte relação com a dimensão e a orientação de mercado das empresas. Embora seja positivo para todas as classes de dimensão, o s.r.e. varia entre 7 p.p. para as empresas com menos de 50 trabalhadores e 43 p.p. para as que têm mais de 250. No que respeita à orientação de mercado, não existe uma relação linear entre a percentagem de exportações e a expectativa do estado dos negócios, mas as empresas que vendem maioritariamente para Portugal são as únicas que não apresentam um saldo de respostas extremas positivo.

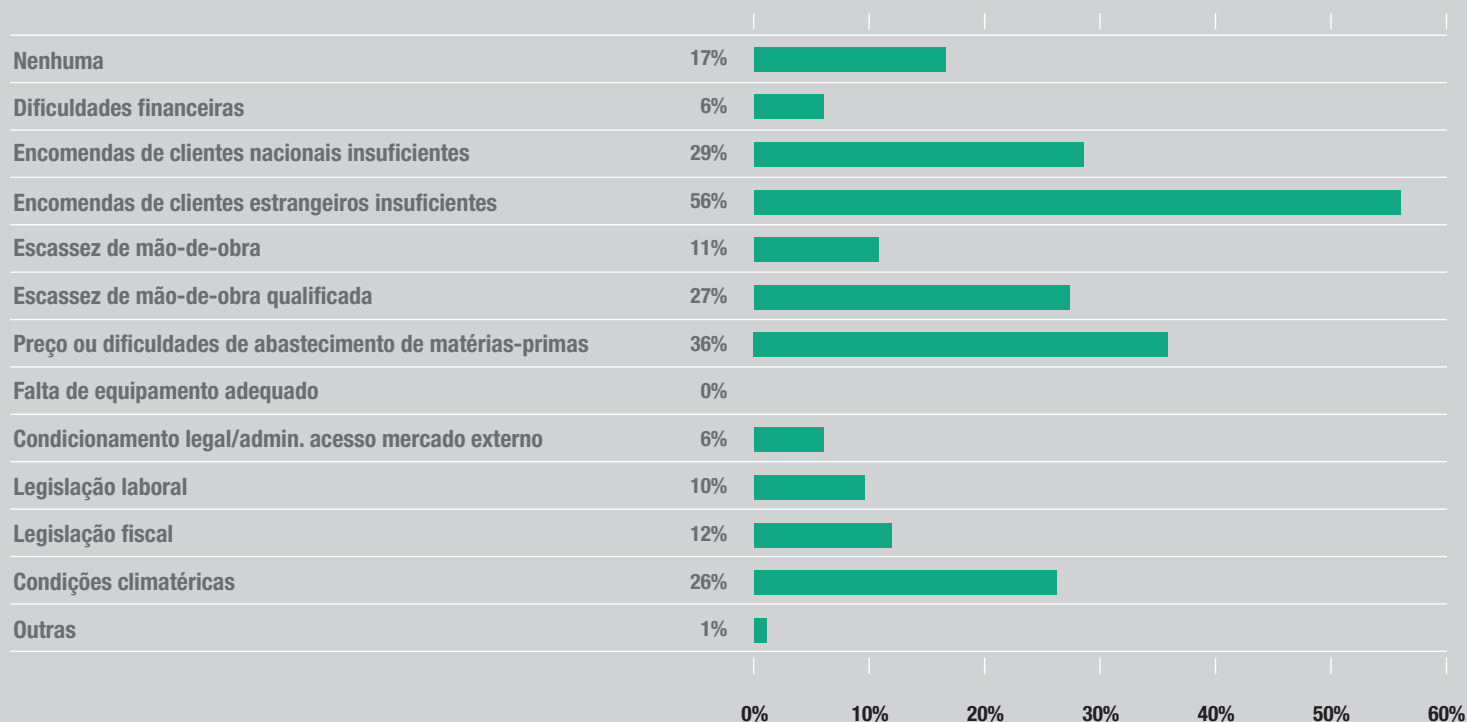


Limitações previstas

Para o segundo trimestre, as empresas acreditam num ligeiro abrandamento das dificuldades resultantes das condições climáticas adversas, que são previstas por 26% dos inquiridos, 4 pontos percentuais menos do que os que as referiram no trimestre transato. Consequentemente, verifica-se também uma redução na percentagem de empresas que preveem insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (56%) e nacionais (29%). As empresas de pequena dimensão e maioritariamente orientadas para o mercado nacional são as que se mostram mais preocupadas com estas dificuldades.

Em contrapartida, a esperada recuperação da atividade leva a um pequeno agravamento das previsões de dificuldades relacionadas com o preço ou abastecimento de matérias-primas (36%) e com escassez de mão-de-obra qualificada (27%), embora não com a mão-de-obra geral.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Registam-se pequenas variações nas referências a dificuldades de ordem legal, com um abrandamento das referências à legislação fiscal (de 13% para 12%) e um aumento das que dizem respeito à legislação laboral (de 8% para 10%) e aos condicionamentos no acesso aos mercados (de 5% para 6%). Nenhuma empresa espera dificuldades resultantes da falta de equipamento adequado.

Globalmente, a melhoria esperada no estado dos negócios traduz-se num ligeiro aumento da percentagem de empresas sem dificuldades que passa de 14%, relativamente ao primeiro trimestre, para 17%, na previsão para o segundo, devendo a percentagem de empresas com dificuldades financeiras permanecer inalterada (6%).

Notas de Conjuntura

O Fundo Monetário Internacional publicou, em abril, as suas mais recentes perspetivas para a economia internacional. O Fundo prevê que o crescimento mundial seja de 3,9% em 2018 e 2019, abrandando para 3,7% em 2020. No entanto, as previsões para a área euro, para onde maioritariamente se dirigem as exportações portuguesas de calçado são mais modestas: 2,4% em 2018, 2% em 2019 e apenas 1,4% em 2020. De acordo com o FMI:

“A aceleração no investimento e comércio externo globais continuou na segunda metade de 2017. Atingindo 3,7%, o crescimento global em 2017 foi o mais rápido desde 2011. Ainda com condições financeiras favoráveis, espera-se que o crescimento global aumente ligeiramente para 3,9% em 2018 e 2019. As economias avançadas crescerão acima do seu potencial neste ano e no próximo; as economias da área euro deverão reduzir os seus excessos de capacidade com o apoio de uma política monetária acomodatória e uma política fiscal expansionista levará a economia dos EUA para lá do pleno emprego. (...)”

Prevê-se que o crescimento abrande depois deste par de anos. Uma vez que o seu hiato do produto se encerre, a maioria das economias avançadas estão destinadas a voltar a taxas de crescimento claramente inferiores às médias anteriores à crise, travadas por populações a envelhecer e uma produtividade débil. (...) para lá de alguns trimestres, os riscos da previsão são claramente sobretudo negativos.”*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, abril 2018

Em maio, foi a vez da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico apresentar a sua análise da economia internacional. As previsões desta organização para a economia mundial são semelhantes às do FMI. Para Portugal, a OCDE projeta um crescimento anual de 2,2%, tanto em 2018 como em 2019. Sobre o nosso país, a OCDE afirma:

“A recuperação continuará a ser suportada pelas reformas passadas, por um comércio externo favorável e pelas condições da procura interna. O investimento será sustentado por um aumento da absorção de fundos estruturais da União Europeia em 2018. O crescimento do consumo permanecerá sólido, refletindo o forte crescimento do emprego. (...) Tanto o consumo como o investimento continuam a ser limitados pelo fraco crescimento da produtividade do trabalho. (...) Desenvolvimentos económicos ou financeiros negativos poderiam atualmente atingir a economia de forma especialmente forte dado que os elevados níveis de dívida pública limitam a capacidade de resposta da política fiscal.”*

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, Economic Outlook, v. 2018 (1), versão preliminar

Nas suas previsões de abril, o NECEP da Universidade Católica Portuguesa é um pouco mais otimista quanto ao andamento da economia portuguesa em 2018, estimando um crescimento de 2,4%.

“(...) o NECEP continua a estimar um crescimento do PIB de 2.4% em 2018 (...) O NECEP mantém também as suas previsões anteriores para 2019 (2.2%) e para 2020 (2.0%). Tal reflete uma trajetória de aproximação a um crescimento de médio prazo condicionado por diversos fatores estruturais, designadamente, a escassez de capital e o elevado endividamento público e privado. A perspetiva de permanência da taxa de desemprego na casa dos 7% nesse mesmo horizonte, um valor ainda relativamente elevado e acima do que poderá ser a taxa de desemprego natural, transparece a lentidão do processo de normalização da economia portuguesa. A evolução da produtividade é também atípica face a recuperações anteriores, com o desemprego a descer mais do que seria expectável tendo em conta a evolução do produto. (...) De um modo geral, o ambiente externo apresenta-se benigno, com melhores perspetivas para a economia mundial.”

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura nº 52 (Ano XIII) – 1º trimestre de 2018

As previsões destas e de outras instituições sugerem que, nos próximos dois anos, as economias que correspondem aos principais mercados da indústria portuguesa do calçado – nomeadamente, Portugal e as principais economias da área euro – continuarão a crescer mas a um ritmo menor do que se tem verificado recentemente, continuando as zonas mais dinâmicas da economia mundial a situar-se fora da Europa.

*Tradução nossa

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S